

**IMAGEM E MEMÓRIA:
ARTE E BIOGRAFIA NA COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DE MARINA DE MORAIS PIRES**

Francisca Ferreira Michelon
Profª. Drª Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas/RS
Raquel Santos Schwonke
Profª. Mst. Diretora do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
Universidade Federal de Pelotas/RS
Maria Letícia Mazzucchi Ferreira
Profª. Drª Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas/RS
Paulo Ricardo Pezat
Prof. Dr. Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Pelotas/RS

Resumo

A doação de um conjunto de documentos referentes à biografia de Marina de Moraes Pires, fundadora e diretora da Escola de Belas Artes de Pelotas/RS, gerou um trabalho de sistematização, voltado para as fotografias que constavam no conjunto. Durante o processo observou-se a distribuição dos documentos em álbuns e dossiês. Nos primeiros, a autora permitiu-se a elaboração de uma narrativa pessoal, traduzida em relatos dos fatos e registros de sua vida privada. Nos dossiês essa narrativa foi substituída por documentos relativos à Escola apresentados com impessoalidade. O estudo verificou o comportamento da autora quanto ao uso da fotografia na construção de sua narrativa biográfica e a busca por uma fusão entre sua memória e a memória da Escola e do ensino das artes plásticas na cidade.

Palavras-chave: fotografia, memória, arte, biografia.

Abstract

The donation of a set of referring documents to the biography of Marina de Moraes Pires, founder and director of the Escola de Belas Artes (EBA) de Pelotas/RS, generated a work of systematization, come back toward the photographs that consisted in the set. During the process we observed the distribution of documents in albums and dossiers. In the first ones, the author allowed elaboration it of a personal narrative, translated in stories of the facts and registers of its private life. In the dossiers this narrative was substituted by presented relative documents to the Escola with imparciality. The study verified the behavior of the author how much to the use of the photograph in the construction of her biographical narrative and the search for a fusing between her memory and the memory of the EBA and the education of the plastic arts in that city.

Keywords: photograph, memory, art, narrative, biography.

Caracterização da Coleção MMP

Em fevereiro de 2009 o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo¹ recebeu a doação de um conjunto de documentos referentes à biografia de Marina de Moraes Pires, diretora da Escola de Belas Artes² (fig. 1 e 2), instituição que se fundiu a outras faculdades da cidade para a formação da Universidade Federal de Pelotas, a partir de 1969. Fundamentando-se na metodologia de inventário e plano de tratamento empregada no Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa³, procedeu-se à sistematização da coleção que se intitulou “Coleção Marina de Moraes Pires”. A metodologia pressupõe caracterizar ou não o conjunto como coleção, identificar os documentos fotográficos e não fotográficos e registrar a lógica do autor ou colecionador atribuída ao conjunto. Segundo o conceito utilizado⁴, o conjunto caracterizava-se como uma coleção e a autoria foi atribuída a Marina de Moraes Pires⁵.



Fig. 1 – Um dos álbuns de Marina de Moraes Pires da coleção doada ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.



Fig. 2 – Um dos dossiês de Marina de Moraes Pires da coleção doada ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Nas etapas empregadas no inventário, observou-se que a coleção dividia-se em álbuns e dossiês. Os primeiros foram organizados no formato de álbuns de família e os segundos, em conjuntos de documentos institucionais, todos diretamente vinculados à história da Escola de Belas Artes. Durante o plano de tratamento ficou evidente que havia uma distribuição dos documentos de forma particular nessas fontes. Nos primeiros, a autora permitia-se uma elaboração narrativa pessoal, com anotações de ordem subjetiva, traduzidas em relatos dos fatos e registros de opiniões e eventos de sua vida privada. Nos dossiês essa narrativa era substituída por documentos relativos à Escola e evidentemente formatados dentro de parâmetros de impessoalidade e formalidade. No entanto, em ambos os grupos, havia menção direta ou indireta à figura da autora. Esse fato assemelhava-se em parte à Coleção JCM⁶, que havia sido o objeto de estudo e trabalho no referido estágio. Ambas foram doadas por parentes próximos (no caso de Marina, pela neta, no caso de João César de Medeiros, pelo filho), em conjunto formado por partes (álbuns, documentos escritos, manuscritos e fotografias isoladas). Ambas foram construídas sobre o período da vida dos autores nos quais esses exerceram suas atividades profissionais. E por fim, o aspecto mais importante para esse estudo, em ambas a fotografia revelava-se em um uso não apenas ilustrativo. Havia um algo mais a ser observado e aprofundado.

Na Coleção JCM logrou-se observar e averiguar ao longo do tratamento, que o conjunto indicava um aspecto particular de procedimento e uso do registro fotográfico por parte do autor. Quantificando as 511 fotografias que constituíram o corpo do trabalho de sistematização da coleção, separadas em gêneros e relacionadas com as legendas escritas nos versos das mesmas, concluiu-se a existência de uma narrativa linear, construída na cronologia das fotos (todas as que continham escritura estavam datadas). Observou-se que pode ter sido possível que os álbuns de JCM tenham sido feitos concomitantemente ou juntos em um curto prazo da vida dele. Portanto, analisando o conjunto das fotografias tratadas da coleção JCM, distribuídas nos álbuns e avulsas, notou-se que os álbuns evidenciaram a intenção narrativa do autor, concentrada na sua convicção de que a fotografia constituía um meio bastante eficaz para construir essa narrativa. Era necessário que ele empregasse a fotografia para que a sua fosse uma narrativa de natureza

comprobatória. Ainda mais, sendo uma assertiva ficcional, não passível de se estabelecer conclusivamente nos demais documentos, a fotografia concorreu positivamente a esse propósito, é mister concluir: vitoriosa sob esse aspecto. JCM nos álbuns e nas fotos é um cidadão português exemplar (no período no qual sua história é construída, do nascimento em 1926 aos anos de 1970). É um jovem à serviço da nação, que obteve educação superior, viajou, desde cedo esteve ao lado de autoridades, casou, constituiu família, teve amigos importantes, tornou-se um defensor da moral cívica portuguesa ao fazer-se legionário, alistou-se, serviu no exército e foi reconhecido pelo poder político vigente, participou de momentos importantes da história da nação. A narrativa dessa coleção dá ao leitor o conteúdo de uma vida, apresentada em capítulos que iniciam com o jovem estudante do Liceu e se encerra no apogeu de seu êxito. Não há fotos nesse conjunto de JCM velho, afastado da vida e pública e doente. A narrativa, portanto, não se conclui como uma biografia regular: nasceu, cresceu, viveu, morreu. A coleção o apresenta a crescer e viver, o infinito infinitivo da ação em curso. Essa é a função do conjunto.

E foi justamente uma particularidade dessa natureza que emanou do primeiro contato com a Coleção de MMP. Embora essa não apresente a frequência da legenda escrita no verso, constrói uma narrativa com a sobreposição de documentos que avolumam o enunciado sobre as imagens. Outras diferenças foram observadas, no entanto, a narrativa biográfica aproximava ambas as coleções.

Diante dessa constatação e curiosidade, pretendeu-se, portanto, averiguar como a autora buscou construir visualmente sua história ao longo do tempo, tornando-a protagonista de um fato no qual ela se fez o núcleo: o surgimento e a existência, até seu fim, da Escola de Belas Artes. Ela, a autora, narrou a história de uma instituição através de sua própria e sugeria-se presente em todos os momentos, mesmo naqueles nos quais não aparece. E, por fim, como demonstram acontecimentos recentes, a sua história e a da Escola de Belas Artes tornaram-se indissociáveis.

A fotografia, indomável transcrição visual do mundo que mais apresenta do que representa, destacou-se nessa documentação, como o enunciado de uma presença contínua e superior e revelou no contraste do dito e do visto, um desejo pela memória controlada, do papel de uma vida inteira que a obstinada

professora de desenho designou a si assumir. Esse texto, portanto, apresenta alguns resultados oriundos da comparação entre os estudos operados nas coleções citadas e configura uma investigação sobre os sentidos sociais e memoriais da fotografia acervística. Ao mesmo tempo, o estudo fundamenta o princípio de que a sistematização de coleções fotográficas⁷, além de seguir parâmetros de conservação e tratamento da informação, conforma-se sobre a necessária observação dos sentidos da imagem. Na análise das fotografias da Coleção MMP, que ainda se está procedendo, observa-se os aspectos da organização e apresentação, da cronologia, da biografia, da narrativa e da memória no conjunto, e como tais evidenciam uma estrutura de forma gerenciada pela autora.

Marina de Moraes Pires e a história da Escola de Belas Artes

Marina Cordeiro de Moraes nasceu na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 28 de Setembro de 1896, passando a chamar-se Marina de Moraes Pires quando casou em 1918. Diplomou-se em desenho nessa cidade, e com o registro obtido, que a habilitou a lecionar a matéria no segundo ciclo em qualquer parte do território nacional, foi contratada pela Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul em 1940, para lecionar a cadeira de desenho no Instituto de Educação Assis Brasil. Idealizou o projeto da Escola de Belas Artes, conseguindo inaugurá-la em 19 de Março de 1949 no Salão Nobre da Biblioteca Pública Municipal. A primeira aula foi ministrada em 26 de março de 1949, por Marina Moraes Pires, no curso preparatório. Em 1965 transferiu a Escola de Belas Artes de Pelotas para um prédio doado para o ensino da arte no município. Foi esse ano o primeiro, desde a fundação da Escola, que Marina e os demais membros da diretoria não precisaram solicitar à prefeitura empréstimo de prédio para ministrar as aulas dos seus cursos. Dois anos após Marina iniciou o processo de demanda pela federalização da Escola, cujo sucesso, e única possibilidade surgida, foi agregá-la à Universidade Federal de Pelotas, que surgiu em 1969. Em 13 de julho de 1973 a Escola de Belas Artes é formalmente incorporada ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Menos de um mês antes, Marina encaminhou seu pedido de aposentadoria. Em 17 de julho de 1973 entregou as

chaves da Escola de Belas Artes para a nova diretoria, trocando a função exercida desde 1949 pela assessoria da Divisão de Educação e Cultura. Nessa data encerra-se sua vida profissional. A transcrição dos diários de Marina⁸ termina nesse dia, com duas frases sumárias: “Na Belas Artes entregando a direção e as chaves a Nina. Levei marrons glacês para amenizar as agruras da despedida” (p.537). Marina não era eloqüente em suas anotações, mas sabia traduzir a essência de cada fato em palavras econômicas, tanto que a “Nota da autora”, curta sessão que abre o conteúdo do livro, apresenta uma contundente mensagem da avó, tão imperativa que determinou o esforço da neta: “São meus diários, lê, publica e queima”. Foi essa a sequência de ordens atribuídas. Seguramente as duas primeiras foram cumpridas. Na apresentação, Janice desculpa-se com a avó pela demora na publicação e esclarece que nem todas as anotações dos diários foram transcritas, nem mesmo todos os diários: “Foram escolhidos os diários entre os anos de 1948 e 1973 , por serem os mais importantes no que se refere à Escola de Belas Artes de Pelotas”. Não se faz necessário discorrer sobre os motivos, são fortemente intuídos pela proximidade temporal do falecimento de Marina. Muitos dos que foram os atores dessa história ainda vivem e nem todos poderiam se julgar condizentes com os papéis que Marina lhes outorgou em suas páginas pessoais. Mas o que se lê em cada frase não faz apenas pensar em uma mulher no seu tempo e local, que fundia o papel social de destaque com o papel histórico que auspiciava. Marina fazia viagens, comprava, frequentava jantares e exposições, congregava as instâncias de sua vida profissional com a social (fig. 3 e 4).



Fig. 3 – Marina de Moraes Pires apresenta uma das obras da Exposição de trabalhos da Escola de Belas Artes. CMMP0022 – Arquivo Fotográfico Histórico MALG –ao centro.



Fig. 4 – Exposição de trabalhos da Escola de Belas Artes. CMMP0034 – Arquivo Fotográfico Histórico MALG – Marina de Moraes Pires ao centro.

Mas mais do que traduzir gostos e modo de vida, suas palavras indicam uma certa austeridade, que nas fotografias ameniza-se na idade madura, mas nos diários, parece tornar-se crônica. Os sentimentos, mesmo os mais pungentes, são ligeiramente tangenciados pelas palavras, que dia à dia vão delineando a consciência do afastamento e do fim que determinaram os caminhos da agregação da EBA à UFPel. Um dia após a posse do novo diretor do Instituto de Arte (quinta-feira, 17 de maio), ela escreve uma única linha: “Levei para casa minha mesa e meu cavalete...” (p.536). No último dia desse mês ela fará novo registro: “D.Cecy diz ser meu o cargo de Assessora Cultural junto ao Reitor!!!” (idem). Oito dias depois ela saberá que o cargo não será seu. Os raros pontos de exclamação na sua escrita encerram uma esperança não consumada. Não escreverá mais sobre o assunto. Seus registros seguem em meio a extensas lacunas. No dia 9 de julho, pouco antes do derradeiro fim, escreve: “Manhã de muito calor e a tarde de vento e chuva. Assinei a desistência do prédio da Belas Artes e toda a comissão da fundação assinou” (p. 537). A descrição do clima, tão exígua no diário quanto a pontuação efusiva, traduz os sentimentos inevitáveis diante do afastamento em curso que, mesmo numa personalidade como a de Marina, deixavam profundas impressões.

O empenho heróico da diretora iniciou na fundação da Escola e seguiu, incansável e continuamente até a incorporação dessa, ao Instituto de Artes. Foram, portanto, vinte anos de conquistas e lutas por professores, por alunos

e, sobretudo, por espaço físico. Durante todos os anos anteriores à doação da casa da família Trápaga, a Escola de Belas Artes operou sem instalações definitivas. Em janeiro de 1958, o Poder Executivo da cidade doou o prédio da Escola de Agronomia, para a EBA, mas a doação nunca foi concretizada. Por essa razão a casa doada por D. Carmem tornou-se tão importante e definitiva para as conquistas de Marina. A Escola passou a levar o nome da benemérita: Escola de Belas Artes D. Carmem Trápaga Simões.

Conclusões

Marina de Moraes Pires faleceu em 04 de janeiro de 1983, aos 86 anos.

O jornal de maior tiragem da cidade, Diário Popular, noticiou o seu falecimento no dia seguinte, com extensa matéria sobre a vida de Marina, fundadora e diretora da Escola de Belas Artes de Pelotas. Outra nota foi emitida pelo reitor da UFPel, Professor José Emílio Gonçalves Araujo, na qual lamentava a perda da: “grande mentora da escola de Belas Artes, que no ano de 1949 enfrentou todas as dificuldades para, por fim, ver realizado o seu sonho de oferecer à comunidade uma escola de artes”.

Em um fato que simbolizou a consciência que seus colegas tinham de sua vida, o corpo de Marina foi velado no salão nobre da Escola de Belas Artes, que já não mais existia formalmente. Depois disso, progressivamente, o silêncio sobre ela foi acontecendo, dentro de um percurso natural, decorrente de um modo de vida das instituições, nas quais as demandas do cotidiano se impõem sobre tudo e todos. Há uma década, a casa doada pela família de Carmem Trápaga Simões para Marina, a pedido da benemérita, já estava sendo ocupada pelos cursos do Instituto de Letras e Artes e guardava dos tempos da Escola apenas algumas placas de bronze nas paredes, e uma, especial, ao lado da porta de entrada. Essa placa ainda existe no mesmo local, nela se lê “Escola de Belas Artes D. Carmem Trápaga Simões”. Como Marina, a casa teve o seu auge no período em que operou como local de ensino das artes visuais na cidade. No final dos anos de 1990 o Instituto de Letras e Artes iniciou o processo de transferência para o prédio que a reitoria construiu em uma área distante da casa. Concluída a transferência no ano de 2001, o prédio

da antiga Escola foi fechado e permaneceu sem ocupação até 2006 quando parte dele foi recuperada para instalações do Curso de Museologia e do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Nos anos seguintes, como uma fênix, a casa e a memória de Marina, amalgamadas na história da Escola de Belas Artes, ressurgem. Em final de 2007 inicia-se o projeto de restauro da casa e no mesmo ano algumas reformas são feitas, inclusive o restauro das escaiolas⁹ do corredor principal. No ano de 2008 algumas salas foram ocupadas com aulas e no final do ano, em novembro, a neta de Marina de Moraes Pires publica um livro de memórias contendo a maior parte dos diários da avó. No ano de 2009, no aniversário de fundação da Escola, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo inaugura uma exposição com obras de antigos alunos, tanto do seu acervo como daqueles que aquiesceram ao convite. Em fevereiro de 2009, como se disse no início do trabalho, houve a doação desse conjunto documental que levou o nome da diretora. Outros acontecimentos estão projetados, inclusive a publicação de um livro contendo a história da Escola de Belas Artes, no qual as fotos dessa coleção acompanharão vários textos. Fotos, essas, que exemplificam o uso da fotografia na Coleção MMP, fortemente relacionado a um procedimento de construção da sua biografia. Em tal procedimento a relação entre fotografia e documentação escrita articula uma convincente narrativa memorial, que hoje, diante de tanto interesse de muitos, afirma que essa mulher transformou a história da Escola de Belas Artes na sua própria, em tal medida que não parece mais possível falar de uma sem a outra. Na estrutura ressurgida do prédio no qual a Escola encontrou sua residência fixa, a memória da diretora retorna, vitoriosa após 35 anos de silêncio.

Notas

¹ O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo pertence ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e foi inaugurado no dia 7 de novembro de 1986. O museu conta com 6 coleções: Gotuzzo, formada por suas doações à Escola de Belas Artes e testamentárias; a coleção Faustino Trápaga, que reúne obras européias, doadas por Berthilda Trápaga e Carmem Simões; coleção Dr. João Gomes de Mello, legada por morte desse doador; coleção Ex-alunos, que abriga obras dos ex-alunos da Escola de Belas Artes; a coleção Século XX, formada por doações isoladas e a coleção Século XXI.

² Instituição que deu origem ao Instituto de Letras e Artes, atual Instituto de Artes e Design da UFPel.

³ Treinei essas metodologias no Estágio Pós-doutoral com foco para Conservação de Acervos Fotográficos Históricos desenvolvido de dezembro de 2008 a fevereiro de 2009 no Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa sob supervisão do Conservador Engenheiro Luís Martins Pavão.

⁴ Coleções são conjuntos reunidos sob determinada unidade temática.

- ⁵ Professora de desenho da Escola Estadual Assis Brasil que fundou a Escola de Belas Artes de Pelotas em 1949 e foi sua diretora até o ano de 1973, quando oficial e definitivamente a EBA deixou de existir para dar lugar ao Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas.
- ⁶ Essa coleção ingressou no Arquivo Fotográfico de Lisboa no ano de 2006 em duas etapas, a primeira no mês de outubro e a segunda, em novembro do mesmo ano. Apresentavam-se como um conjunto de documentos constituído por quatro álbuns de fotografias e um saco de provas fotográficas de diversos tamanhos, acompanhados por alguns documentos em papel, cuja datação foi registrada nos dois inventários de entrada como sendo entre 1922 e 1980. O recebimento e inventário foi realizado pelo coordenador da conservação do Arquivo, Engenheiro Luís Pavão e a doação do conjunto foi realizada pelo filho do autor. No inventário o conjunto está descrito como “4 álbuns de fotografias e um saco com provas pequenas” e a descrição das temáticas: Temas nos Açores- cerimônias oficiais envolvendo militares, procissões nas ruas de Ponta Delgada, desfiles militares, acontecimentos sociais, casamentos e festas, fotos da família do autor e de escola ou universidade. Ainda consta no inventário a descrição dos quatro álbuns.
- ⁷ O trabalho de sistematização pressupõe uma série de ações voltadas para inserir determinado conjunto de fotografias, entendido como uma coleção, dentro de uma instituição de guarda (Pavão, 1977).
- ⁸ FONSECA, Janice P. Memórias de Marina. Pelotas: Livraria e Editora Mundial, 2008.
- ⁹ Tipo de revestimento para paredes que se faz com uma mistura de gesso e cola, muito utilizado nas últimas décadas do Séc. XIX e nas primeiras do XX. Substituiu o azulejo, por ser mais barata, e deu bom resultado em interiores.

Referências Bibliográficas

DIAS, K. H. R. Imagens que falam: relações entre as aulas de desenho na Escola de Belas Artes de Pelotas e no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Artes Visuais: Licenciatura, Universidade Federal de Pelotas: 2008.

MAGALHÃES, C. A Escola de Belas Artes de Pelotas: da fundação à federalização (1949-1972) - uma contribuição para a história da educação em Pelotas. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas, UFPEL: 2008.

DINIZ, C.R.B. NOS DESCAMINHOS DO IMAGINÁRIO -ATRADIÇÃO ACADÊMICA NAS ARTES PLÁSTICAS DE PELOTAS. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1996.

Currículo resumido

Francisca Ferreira Michelin

Possui mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e pós-doutorado no Arquivo Fotográfico da Câmara de Lisboa. Professora efetiva do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa com ênfase em Patrimônio Cultural, Fotografia e Artes.

Raquel Santos Schwonke

Possui Licenciatura em Artes Plásticas (1991), Graduação em Pintura (1992), Graduação em Gravura (1993), e Mestrado em Educação (2001), todos pela Universidade Federal de Pelotas. Atualmente é Professora Assistente do Departamento de Artes Visuais e Chefe do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo da mesma Universidade. Desenvolve pesquisa na área de Artes e Museologia.

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Possui Mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Professora efetiva do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa com ênfase em Patrimônio, tradição, memória, museus.

Paulo Ricardo Pezat

Possui Mestrado em História(1997) e doutorado em História(2003) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estágio na Université Montpellier III. Professor efetivo e Coordenador do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisa com ênfase em Patrimônio, organização de acervos, História Moderna e do Brasil.